



**Avelino Rosa**

**Amor tardío,  
amor intenso**

**AMOR TARDIO,**

**AMOR INTENSO**

**Avelino Rosa**

**2008**

## Introdução

O leitor vai encontrar nestas páginas cenas de sexo que podem ser consideradas explícitas e termos que podem ferir algumas susceptibilidades. Mas essas cenas e termos fazem parte da nossa vida quotidiana. Propositadamente, esqueceu-se a distinção entre erotismo e pornografia. Mas esta obra não é pornográfica. Apenas não se limita, nalguns casos, a meios-terminos, a reticências invocadoras da imaginação. Usam-se palavras concretas, que todos dizemos em privado. Aqui ficam simplesmente públicas. A ironia que perpassa pelo romance não se destina a ridicularizar nem o homem e, muito menos, a mulher. Pretende apenas mostrar as pessoas como são na intimidade. De um modo empenhado, saudável. E quando o amor nasce tardio, exigindo uma aprendizagem sem preconceitos condicionantes, é possível que a relação a dois perdure com maior intensidade. Afinal, devíamos todos ser e permanecer como Teresa e Tomás.

## 1.

Adorava o corpo da mulher. Quase como uma fixação. Era a melhor obra de arte alguma vez criada. Por vezes, apetecia-lhe ter visão de raios X. Para eliminar o vestuário e percorrer o corpo nu, admirando a beleza, imaginando tactear cada contorno. E elas mudavam apenas nos pormenores, fazendo-o recriar os sentidos e contemplar cada uma sempre de um modo diferente. A realidade mutante perante os olhos e as emoções despertadas. As calças apertadas, moldando o sexo feminino, com os grandes lábios salientes, faziam-no imaginar que aquela forma se desprendia do corpo, vindo pousar sobre a mesa do restaurante, como um chamamento para a luxúria da noite.

Imaginava, ainda, sentir a pele, os seios, a púbis, sob os dedos, sob as mãos abertas, escorrendo lentas, parando, recomeçando, ao ritmo do diálogo que vai criando e recriando notícias da vida, identificando consensos, frases interrompidas, até ao murmúrio e ao silêncio das palavras. Quando só se ouve a respiração mais profunda, entrecortada, denunciando o desejo.

Pensava na mulher primeiro como uma deusa a quem despertava o erotismo. Da troca de olhares, das carícias inocentes, das emoções que crescem às intenções sem retorno. Fazer amor era o acto mais sublime. A entrega, a mistura, ficando apenas um. Um dentro do outro. Os dois dentro de um. Um ser apenas. Diluído no tempo e no espaço dos minutos que esvaziam e se enchem de eternidade. E, enquanto dura, a intemporalidade. A libertação de tudo, o não temer nada. Subir ao céu, rodopiando num vórtice de arco-íris e acabar sobre uma nuvem, ambos desfalecidos. Envolvidos na ténue diferença da evaporação, da chuva súbita ou da perenidade do abraço de ternura. Os momentos que se seguem.

Há muito tempo não experimentava o sabor do sexo. Das namoradas nem se lembrava. Odiava comprar prazer. Entendia que o sexo não pode ser comprado nem vendido. Satisfazia-se nos momentos de maior ansiedade. Contudo, mantinha uma persistência inexplicável pela permanente procura das técnicas de conquista e de desempenho sexual. Sabia quase tudo sobre o ponto G, *fellatio*, *cunilingus*, ajudas naturais e artificiais.

.....

Durante uns tempos, imaginou-se uma actriz famosa, cortejada por um séquito de pretendentes. Mas um, apenas um, de entre eles, roubava o seu coração. Um actor com quem contracenava uma única vez. Apaixonavam-se ao primeiro olhar, casavam, tinham filhos e viviam felizes para todo o sempre. Mais tarde, pensou que era bastante o estatuto de figura pública para ser capaz de atrair o homem dos seus sonhos. Muito mais tarde, aceitou que talvez um homem atraente, que a amasse, preencheria o vazio da sua vida.

Houve uma altura, em que lhe passou pela cabeça casar com um velho rico, herdar a fortuna e fazer sexo com qualquer um que lhe apetecesse na ocasião. Uma espécie de vingança do ego magoado. Depois, resolveu encarar a vida como ela era. O trabalho, a casa, um animal de estimação, fizeram-na esquecer que ficara solteira.

Não era assexuada, mas deixara de pensar em sexo. Bem, ao fim-de-semana nem sempre. Quando passeava ou almoçava fora, não deixava de escorrer uma nesga de olhar por algum espécime que lhe chamasse a

atenção. Uma ou outra vez, olhava mesmo para o sexo dos homens, antevendo se era mais ou menos dotado.

Aos poucos, perdeu quase o interesse pelo sexo oposto. Mas não deixou de ter sonhos eróticos. Era transportada para uma outra dimensão, com um vestido comprido, branco, fino, adejando a uma aragem perfumada, deixando mostrar, em sequências aleatórias, partes do seu corpo desnudado. Mãos, muitas mãos, iam acariciando-a pelo caminho, até uma redoma transparente onde pousava num leito de rainha, com dossel e cortinados róseos. Um homem, alto e esbelto, despia a armadura dourada, mostrando um corpo de Adónis. As mil mãos voltavam a sair das túnicas, agitando-se no ar. O homem retirava então os trajes interiores, compostos de peças múltiplas e sobrepostas. As mãos agitavam-se ainda mais, produzindo um zunido crescente... e o sonho acabava.

.....

“Como fazer sexo com uma mulher desconhecida no elevador em cinco andares”, podia ser o título de uma novela qualquer. Um olhar, uma atracção repentina. Acariciavam-se, e quando a porta do elevador abrisse... ainda não teriam chegado à penetração. Só que há um botão interno de paragem e... Mas isto não é real, a não ser que ambos estejam desesperados. Talvez uma conversa inteligente, continuada no almoço, possa proporcionar um prolongamento para o jantar, seguida de sobremesa especial pela noite fora. Será bem mais provável.

Os homens têm o sexo à flor da pele. Talvez mais na cabeça. Atiram-se mesmo de cabeça ou, mais bem dito, à bruta. Elas gostam de ser cortejadas, que as façam sentir únicas, desejadas. Bem, numa relação rápida conta o aspecto. “Ele é bonito, lindo, uma tara”. Ajuda. Não,

determina. Aí fica tudo mais fácil. Para os menos dotados pela natureza, a vida não é nada fácil, a não ser que se apaixonem por uma *encalhada* como eles.

Ponto de ordem. Não há feios nem feias, *encalhados* ou *encalhadas*. Há homens e mulheres. Que demoram a encontrar o parceiro ou pareceria. Mas quase sempre a espera compensa. A entrega tem então um sabor especial. Recupera-se o tempo perdido e estabelece-se uma ligação que pode perdurar inteira durante mais tempo.

Nunca deve haver arrependimento. Apenas compreender que o momento seguinte determina o próximo. A repetição não depende da insistência, apenas da vontade expressa em palavra nenhuma. O abraço, o olhar, o beijo depois, são o passe. E só este legitima um amor verdadeiro, mesmo que esporádico. O acordar no dia seguinte, ainda abraçados ou com os corpos colados, despertando novas aventuras é o sinal para o mais. E o pequeno-almoço, em trajes desinibidos, animado pela conversa, mesmo trivial, é a garantia do entendimento que pode perdurar sem prazo.

A visão do homem é sempre crítica. Despir uma mulher com o simples olhar tanto pode ser um modo machista e mesmo ordinário de a tentar descobrir, como uma forma de a admirar e até de lhe provocar o desejo súbito. A mulher tem a subtileza da fêmea que racionaliza antes de aceitar. Na verdade, é ela que conquista o homem. Muitas vezes os seus sinais não são entendidos. E os estímulos usados pelo homem nem sempre correspondem às expectativas da mulher.

É por isso que as feromonas desta relação são sempre instáveis.

## 2.

Teresa e Tomás trabalhavam na mesma empresa multinacional, em Alfragide, num edifício com dez andares. Teresa, secretária da Direcção, fora admitida em Janeiro de 2005. Tomás, responsável pela área de informática, colaborava com a empresa desde Julho de 2000.

Com quarenta e três e quarenta e seis anos, ambos viviam sozinhos, solteirões, não por opção mas pelos feitios e circunstâncias. O criador, tenha sido ele quem fosse, não cuidara dos aspectos físicos. Mas, em abono da objectividade, eram bem normais. Digamos que, apenas, um pouco feiinhos, face aos padrões estabelecidos, com menor ou maior exigência social.

Levavam vidas pacatas, sem interesse nenhum, na sua própria auto-avaliação. Casa-trabalho, trabalho-casa, com excepção dos fins-de-semana, em que experimentavam viver um pouco para além do quotidiano, desfrutando de um novo filme, algum evento cultural ou de uma visita a um dos muitos espaços interessantes de Lisboa. Os jantares fora, para ele, eram normais e necessários. Para ela eram apenas de recurso, até porque, como dizia às colegas, não podia deixar a Duquesa sozinha, coitadinha, porque já ficava assim todo o dia. A Duquesa era uma gata rafeira, toda branca, com umas manchas castanhas, cuja satisfação máxima era dormir, com a cabeça sobre uma almofada baixa, ao lado da dona, como se fosse uma outra pessoa a pernoitar na mesma cama.

Teresa e Tomás trabalhavam no décimo e no nono andar. Nunca se cruzavam no elevador ou no refeitório da empresa. Teresa chegava às nove e trinta e almoçava por volta das treze horas e Tomás entrava às oito e trinta e almoçava às doze horas. O termo do trabalho também não



era coincidente. Teresa raramente saía antes das dezoito e trinta e Tomás por volta das dezoito horas. Uma diferença horária pouco significativa, mas que determinava o desconhecimento pessoal. Embora funcionalmente tivessem alguns contactos, via electrónica e por telefone, quase diários

A 1 de Maio de 2008 - Dia do Trabalhador -, a empresa observou o feriado. Teresa, a solicitação do Administrador Executivo, concordou em prestar-lhe apoio na manhã desse dia. Tomás aproveitou o feriado para testar uma nova aplicação informática. Encontram-se, pela primeira vez, à entrada para o elevador. Eram nove horas.

Olharam-se. Indagaram-se. Apresentaram-se. E ficaram fixados um no outro, embasbacados. O elevador abriu as portas. Entraram. Teresa marcou o décimo, Tomás o nono andar. As portas fecharam, o elevador iniciou o percurso. Continuaram voltados, um para o outro, olhando-se, perscrutando-se, mudos. O mostrador electrónico anunciou o terceiro andar. De repente, como se o elevador andasse depressa demais e faltasse pouco para acabar o momento de magia, abraçaram-se e beijaram-se, numa fúria louca. O elevador parou. No nono andar. Não havia ninguém, mas afastaram-se, recompondo-se, como se tivessem sido apanhados pelos colegas de todos os dias. Tomás não saiu. O elevador retomou o seu curso até ao décimo andar. Nenhum sabia o que dizer. Quando as portas fechavam de novo, ele balbuciou:

- Posso ligar-te daqui a pouco?....
- Sim.

Teresa sentou-se, apoiando-se na secretária, trémula, ruborizada, dando graças por o Administrador Executivo não ter ainda chegado. Ligou o computador e, só então, se deu conta da loucura que tinha acontecido

naquela pacata manhã de feriado nacional. Nem teve tempo de reflectir, o telefone tocou. Era Tomás.

- Quero pedir-te desculpa, não sei o que aconteceu...
- Eu também não...
- Olha, queres almoçar comigo para esclarecermos isto?
- Não sei...
- Se não falarmos, nunca vamos entender o que aconteceu.
- Está bem.
- Telefona-me, quando acabares o trabalho.
- Combinado.

O Administrador Executivo chegou minutos depois e deu por concluído o trabalho por volta das onze hora e trinta minutos. Tomás ainda não concluía os testes da nova aplicação. Teresa desceu ao seu andar. Chegou com ar intrigado e, ao mesmo tempo, expectante. Nunca lhe havia acontecido uma tal situação, mas queria aprofundar, queria saber o porquê de Tomás a ter beijado, ou ela e ele, quando nem se conheciam pessoalmente. Estava confusa, perturbada. A culpa não era dela, mas também não era dele. Gostara. Ficara com o sabor daquele beijo e da emoção daquele abraço, das sensações que lhe provocara o corpo dele colado ao seu. Um sentimento que crescera e parecia perdurar...

Tomás estava absorto, olhando para um monitor, onde passavam enormes números, a uma rapidez estonteante. Teresa aproximou-se, por detrás, devagarinho, silenciosa. Sem entender porquê, debruçou-se sobre ele, abraçando-o. Tomás teve um sobressalto, mas apercebendo-se que eram os braços dela, agarrou-os pelos pulsos, rodou a cadeira e, ao mesmo tempo que se levantava, abraçou-a, beijando-a de novo. Assim unidos, excitados, foram movendo-se, ficando Teresa sentada sobre a secretária ao lado. Tomás, escorregando as mãos pelas costas dela,

acariciou-lhes as pernas, levantando, aos poucos, a saia, colando, ainda mais, os corpos de ambos. Teresa sentiu Tomás no seu mais íntimo. Gostou. Mas...

- Não, não faça isso!
- Desculpa, outra vez, mas...

Teresa afastou-o, abruptamente, levantando-se e recompondo-se.

- Eu sei, mas...
- Mas?!
- Não quero. Não estou preparada...
- Preparada para quê?!
- É que sou...

Teresa desatou a chorar, convulsivamente. Tomás, sem entender, acariciou-lhe as faces, beijou-lhe os olhos e, levantando-lhe o queixo, beijou-a com doçura, numa ternura infinita.

- Vá, diz lá... o que se passa?
- Desculpa... é que é...
- O quê?!... Diz lá.
- Virgem. Pronto!

Tomás ficou estupefacto, mas, ao mesmo tempo, adveio-lhe uma enorme calma e uma sensação inexplicável. Abraçou-a de novo, com força, numa entrega total. Teresa percebeu. Sentiu o calor daquele abraço como um compromisso. Sem palavras. Ele, beijando-lhe os cabelos, acabou por sussurrar-lhe a ao ouvido:

- Vamos almoçar?

- Vamos.

Teresa estava parca de palavras. Sempre com um rubor nas faces, com a cabeça ligeiramente inclinada. Pudor, vergonha... Nem sabia o que sentia. Tomás estava mais falador, mas notava-se que a voz saia-lhe embargada. Sentia-se culpado por ter precipitado os acontecimentos. Devia ter estragado tudo. Sabia que não podia voltar atrás, mas empenhava-se em fazê-la esquecer o que acontecera nessa manhã. Olhavam-se quase com receio. Não entendiam o lhes havia acontecido. Nem se conheciam e de repente... Mas, pareciam estar de acordo em querer agarrar aqueles momentos.

Escolheram pratos diferentes. Teresa concordou com um vinho tinto alentejano sugerido por Tomás, confessando-lhe que em casa, gostava de acompanhar o jantar com um copo de tinto da quinta dos tios, da mesma região, mas que nunca bebia ao almoço.

- Mas, hoje, faço uma excepção à regra. - Disse num tom irónico.

Tomás sentiu-se mais reconfortado. E ficava a saber que Teresa era alentejana.

– Com excepção dos fins-de-semana, também só bebo ao jantar e sou fã dos vossos vinhos.

Teresa era de uma aldeia dos arredores de Beja, de que Tomás nunca ouvira falar. Tinha lá os tios e uma prima. Ele era de Torres Vedras, onde nem família directa nem afastada conhecia. Ambos já sem pais, sozinhos na grande Cidade. O almoço foi decorrendo, em crescente descontraimento e intimidade. Em poucos minutos ficaram a conhecer todos os pormenores da vida de cada um, talvez porque não houvesse

também muito para contar. Vinda para Lisboa, curso, trabalho. O quotidiano de sempre, fastidioso, mas tolerado. Teresa tivera um único namoro, que durara apenas três dias. Nas palavras dela “porque farta de conversa inútil”. Tomás sentiu um arrepio. Poderia a sua conversa ser também considerada inútil? Mas recompôs-se. Ele tivera algumas namoradas, mas com nenhuma dera certo também. O namoro que demorou mais tempo não tinha chegado a quatro meses.

- Quantas e porquê? – Quis saber ela, indagadora.
- Acho que pelas mesmas razões que tu, fartei-me também da futilidade. Acho que ao cabo de algum tempo já não tínhamos nada para dizer.
- Mas não disseste quantas?
- Hum, deixa lá ver... uma meia dúzia. – Respondeu Tomás, gracejando.
- Tantas?!... – Teresa ficou em silêncio, pensando que aquela afirmação poderia significar que ela não passaria da sétima conquista.
- Ficaste zangada?
- Não. Apenas acho que tiveste muitas namoradas.
- E isso é pecado?
- Não. Desculpa, não tenho nada a ver com os teus namoros e muito menos te posso recriminar por isso. – Rematou Teresa, com alguma rispidez.
- E se vires as coisas de outro modo? Primeiro, esses namoros ocorreram há muitos anos. Depois, se algum deles tivesse dado certo, provavelmente não estaria hoje aqui contigo.
- Hum... Não sei... Não me pareces de grande confiança. – Retorquiu Teresa, esboçando um sorriso condescendente.

O almoço perdurou. Tempo para descobrirem algumas afinidades, em áreas muito diversificadas. Da música e cinema até à História e mesmo ao desporto. Teresa, sobretudo, ficou impressionada com a cultura geral de Tomás que, supostamente, se deveria resumir a *bits* e *bytes*. Combinaram visitar Museus, seleccionar os filmes que agradassem a ambos, elaborar planos para viagens a locais históricos...

Tomás levou-a casa. Saiu do carro e abriu-lhe a porta. Ficaram uns momentos a olhar-se e despediram-se com um beijo. Um beijo diferente. Contido, mas terno. Um beijo que pareceu adiar apenas o explodir do vulcão que se adivinhava.

### 3.

No dia seguinte, a meio da manhã, Tomás enviou-lhe um *email*: “Adorei o nosso almoço de ontem. Estou ansioso pelo passeio e próximo almoço que combinamos para Sábado. Confirma, por favor. Gosto muito de ti.”.

Teresa respondeu: “Li o teu telegrama. Confirmado. Se gostar de alguém é ficar sem dormir a noite inteira a pensar nela, então eu também gosto muito de ti.”

Só então Tomás se apercebeu que a mensagem por ele enviada era, de facto, telegráfica. Também ele ficara acordado a pensar. Sobretudo porque após aquele impacto inicial, tinham aquietado e tinha-lhe sabido bem aquela serenidade. Estava a conhecê-la. Estavam a conhecer-se. E isso sabia bem, tanto como o sexo que ficara por fazer.

Sábado, dia três de Maio, dez horas. Parque das Nações. Um homem e uma mulher, maduros, passeavam de bicicleta, paulatinamente. Diriam que podia ser um casal normal, até com filhos que, por uma qualquer razão, não acompanhavam os *cotas* dos pais. Terminado o percurso de ciclismo, dirigiram-se para a zona do Restaurante que haviam escolhido. As mãos tocaram-se. Entrelaçaram-se, apertando-se. Sentaram-se num banco qualquer. Sobrevieram o abraço, os beijos. Quem reparava neles agora mudara de opinião. Ou eram namorados tardios ou eram adultos desavergonhados. Teresa e Tomás nem se aperceberam dos olhares e muito menos da imaginação fértil de quem passava.

O almoço foi bem diferente do anterior. Parecia que tinham um tique ou uma doença qualquer. Olhavam-se permanentemente, fixados um no outro, com as mãos dadas sobre a mesa. O empregado teve de perguntar três vezes se o bife de Tomás era “mal, médio ou bem passado”. Teresa, porque só comia com o garfo, já que a outra mão estava presa à dele, deixou cair sobre as calças um bocado de lula recheada. Tomás, que a cada corte do bife, agarrava de novo a mão dela, entornou a cerveja, simplesmente porque não acertou com o copo na boca e ela, ao zombar dele, fez o mesmo. Neste aspecto, o almoço foi um completo desastre. Mas saíram do restaurante a rir-se das nódoas, das calças encharcadas de cerveja, da cara, cada vez menos amistosa, do empregado, dos olhares de reprovação dos outros clientes. Estavam felizes, vivendo no casulo do amor que ignora o resto do Mundo.

- Amo-te!

Ficaram a olhar, de novo, um para o outro. Tinham verbalizado, ao mesmo tempo, o que não podiam já conter. Tomás agarrou-a pelas pernas, aconchegando-a à cintura, e rodopiou os corpos de ambos, ao

mesmo tempo que se beijavam, no meio de uma pequena multidão de curiosos, que aplaudiam e reprovavam. Deviam ter merecido uma estrela naquele passeio do Parque das Nações, com os seus nomes, como em Hollywood.

Talvez nenhum conseguisse explicar porque passado cerca de meia hora se encontravam em casa de Tomás. E o porquê de depois de uma visita guiada relâmpago a cada dependência, se encontrarem nus e abraçados debaixo dos lençóis de uma cama avantajada onde ele dormia.

- Não. Espera!
- Mas não fiz nada...
- Eu sei, mas não consigo... Desculpa.
- Eu sei que és vigem, mas não te vou magoar.
- Não é isso.

Teresa chorava, de novo, compulsivamente. Tomás ficou desconcertado. Havia algo mais para além do que ela lhe dissera. Um segredo que lhe doía e não contara. Afagou-lhe os cabelos, num gesto de ternura e compreensão. Levantou-se devagar, para ela perceber que não a repudiava, e vestiu o roupão. Retirou do guarda-fato um outro roupão, que raramente usava, e sentou-se ao seu lado.

- Vá, veste e vamos conversar para a sala.
- Não é preciso. Podemos conversar aqui mesmo.

Tomás despiu-se e voltou a deitar-se ao seu lado. Afagou-lhe de novo os cabelos, beijou-lhe a testa e os olhos. Numa voz suave, pausada, tentou dar-lhe tranquilidade, dizendo que tinham todo o tempo do Mundo, que ela contasse o que a atormentava quando quisesse e apenas se quisesse. Teresa sentiu a voz de Tomás como um bálsamo, enxugando



as lágrimas e assoando-se com um toalhete que ele lhe estendera. Demorou algum tempo. Tomás, paciente, esperou, sempre a acariciar-lhe os cabelos.

- Lembras-te de eu te ter contado que tive um namoro de três dias?
- Claro. Até disseste que acabaste, por que te tinhas fartado de conversa inútil.
- Não foi bem assim...
- Não?!
- A verdade é que nem era meu namorado. Era o gerente da filial da empresa onde tive o meu primeiro emprego. Bastante mais velho do que eu. Logo no primeiro dia de trabalho, percebi que queria mais alguma coisa. Mas não liguei. Dias depois, pediu-me para ficar mais um pouco para acabarmos uma proposta urgente para a Administração...

Teresa voltava a soluçar, parando a narrativa. O seu olhar estava fixo num ponto qualquer do quarto, mortiço, distante.

- Olha, se quiseres parar por aqui, eu não me importo. Mas se quiseres mesmo desabafar, fico a ouvir-te durante todo o tempo que precisares.
- Obrigado. Vou continuar... Um pouco depois das seis horas, quando todos os colegas tinham saído, chamou-me ao gabinete dele. Mandou-me sentar no sofá e veio ter comigo. Trazia uns papéis na mão que me pareceram não ter a ver com proposta nenhuma. Sem mais nem menos, abraçou-me e deitou-me no sofá, pondo-se em cima de mim e tentando levantar a minha saia. E conseguiu. Com o braço esquerdo manietou-me e com o direito abriu a braguilha das calças e tirou o... isso... tu sabes...
- Queres fazer uma pausa?

- Não. Agora vou até ao fim. Depois tentou... tu entendes. Mas eu debati-me tanto que, antes de ele conseguir, caímos no chão e como ele ficou meio atordoado... Acho que bateu com a cabeça... Não sei. Lembro-me apenas que corri até à saída e ainda pela rua fora até me sentir segura, deixando lá a minha mala com todos os meus documentos.

Tomás não conseguiu articular nenhuma palavra, nem sabia qual usar. Limitou-se a um beijo profundo na testa de Teresa. Ela entendeu.

- No dia seguinte, telefonei a uma colega para me entregar a mala no Café em frente, dizendo que me tinha esquecido dela no Gabinete do Chefe. E nunca mais pus lá os pés.
- E que disse a tua colega?
- Nada que não fosse de circunstância. E o curioso é que nem eu lhe contei nada nem ela me perguntou. Se calhar até lhe fiz um favor, porque acho que andava com ele.
- E fizeste alguma coisa depois, para denunciar esse energúmeno?
- Não, nada. Não só não tinha provas, como se as tivesse sentir-me-ia mais envergonhada ainda. Nem nunca contei a ninguém. Só agora, a ti.
- Obrigado por confiares em mim. Mas...
- Mas?! Já não gostas de mim?
- Não é isso. Gosto mais de ti ainda, se é que isso é possível. Mas, como ia dizendo, agora que contaste o teu segredo, temos de impor algumas regras.
- Regras?!
- Sim. A primeira é que ao contares isso libertaste-te desse pesadelo. Aconteceu, mas conseguiste escapar e sem sequelas. Portanto tens de deitar esse trauma no local próprio: o saco do lixo da tua memória. De acordo? – Tomás usou de um tom firme e solene.

- De acordo.
- E também que nunca mais vais pensar nisso e nunca mais esse episódio vai ser um obstáculo para ti em situação alguma. Confirmas que vai ser assim, de um modo convicto?
- Confirmo.
- Então também acredito. – Rematou Tomás, dando-lhe um beijo suave.
- Mas, espera aí... Eu posso estar ainda meia traumatizada, mas acho que tu disseste “primeira” referindo-te a regras. Qual é a segunda?
- Ah! Essa é fundamental. A partir de agora, o “o” e o “isso” tem nome próprio e só se refere ao meu... Entendido?

Teresa desatou a rir. A culpa que vinha assumindo durante tantos anos tinha-se desvanecido, em poucos minutos. Tomás fora confidente, terapeuta, o homem que amava e que queria sem segredos. Aconchegou-se nele, como uma menina mimada que acabava de obter o perdão por uma traquinice sem importância, de que nem fora culpada.

- Ainda não acabei.
- Não?!
- Ainda não disseste o nome que devo ouvir.
- Não sou capaz.
- És! Eu dou uma ajuda... O meu...
- ... Pénis.

Aconchegaram-se mais, rindo e beijando-se. Teresa, depois de um riso nervoso, gargalhava agora despropositadamente, chorando outra vez. Tomás entendeu e deixou-a soltar aquele caudal, reprimido durante tanto tempo. Quanto acabou...

- Achas que estou maluca?

- Não. Acho que te curaste.
- Sabes..., posso ter ficado todos estes anos reprimida, traumatizada, mas acho que valeu a pena, para poder estar agora aqui. E poder, finalmente, ser mulher contigo. Quero que saibas que estou muito, muito feliz.
- Eu também. Amo-te muito!

#### 4.

- Vou fazer-te uma coisa que vais gostar.
- O quê?!

Tomás começou por lhe acariciar os seios, beijando-os de seguida e contornou os mamilos com a língua. Foi descendo pelo seu corpo, deixando os lábios e a língua escorregarem sobre a pele, até...

- Que estás a fazer?! – Perguntou ela, estupefacta, envergonhada e... fechando, se súbito, as pernas.
- Não é bom?
- É, mas...
- Chiu! – Rematou ele num tom autoritário e carinhoso, continuando.

Teresa contorcia-se de prazer. O arfar inicial foi dando lugar a gemidos, cada vez mais sonoros, até um estremecimento de todo o corpo, acompanhado por um grito prolongado, que deverá ter sido ouvido em todo o prédio. Afastou a cabeça de Tomás, puxando-o para cima. Beijou-o, repetidamente, com força, numa loucura incontrolada.

- Tiveste um orgasmo?
- ....
- Diz, vá lá. É importante para mim saber que te dei prazer.
- Nem sei o que tive... Mas, por momentos, achei que tinha explodido. Achas que a vizinhança ouviu?
- Isso não importa. O que interessa é que tenhas gostado. Nunca deixes de libertar as tuas emoções, quando te apetecer. É necessário para que os nossos actos de amor sejam completos.

Tomás estava sobre Teresa, com as pernas dela entre as suas. Teresa sentia o sexo dele sobre si. Desejava-o, mas, ao mesmo tempo, quase a aterrorizava o passo seguinte. Tomás sabia disso. Enquanto a beijava, foi sorrateiramente metendo as suas pernas entre as dela. O pénis de Tomás tocou-lhe a vagina. Teresa soltou um pequeno grito, mas não se mexeu.

- Não me magoes, for favor.
- Calma. Não te vou magoar. Nem vou fazer nada que tu não querias. E se achares que ainda não estás preparada, eu espero. Temos todo o tempo do Mundo. Concordas?
- Sim, desculpa. Tu sabes...
- Sei, não precisas de repetir. Vamos fazer assim. Eu ficou como estou e tu vais chegando-te para mim. Serás tu a decidir se vai ser agora ou noutra ocasião qualquer. Se sentires dor, acabamos logo.

Teresa queria, mas não sabia como vencer o seu temor. Desceu um pouco o corpo e sentiu o pénis de Tomás à entrada da vagina. Esta estava mais que lubrificada com o orgasmo que tivera. Nova tentativa... O pénis entrou um pouco. Sem dor. Tomás pediu-lhe que ficasse naquela posição e iniciou movimentos lentos, sem nunca ultrapassar aquele limite. Sentiu que Teresa se descontraía, contorcendo de novo o corpo, em

crescendo de prazer. Paciente, foi mantendo os movimentos. As mãos dela crispavam-se sobre as nádegas dele, puxando-o para si. Era chegado o momento. Tomás foi empurrando o pénis, suavemente, aos poucos, para dentro de Teresa. De repente, a cortina rasgou-se...

- Ai...
- Magoei-te?
- Só um pouco... Continua!

O caminho estava aberto. Tomás continuou com todo o cuidado. Introduzindo o pénis sempre por etapas, até ser todo dela. O orgasmo que se seguiu deverá ter feito a vizinha vir para a rua. Durou, perdurou... Os corpos estremeceram ainda durante largos minutos, a cada contracção. Tomás, cansado, deitou-se ao lado dela.

- Foi bom?
- Muuuito! Mas...
- Mas?!
- Quero mais!

E houve mais, depois de Tomás se recompor. Teresa esqueceu mesmo a Duquesa. Eram já horas do jantar quando se lembrou que tinha de ir para casa. Mas novo encontro ficava marcado para o dia seguinte.

No Domingo, bastante cedo, com a condescendência de Tomás, Teresa trouxe a Duquesa. Depois de instalarem a gata - que teve de mirar e cheirar tudo, em particular o caixote das necessidades e as tigelas da comida e da água -, foram às compras. Teresa e a Duquesa ficaram em casa Tomás até às onze da noite. Pode dizer-se que intervalaram o sexo, com as refeições e alguma música.

De uma das vezes, quando estavam quase a atingir o orgasmo, a Duquesa, ainda brincalhona, pôs-se a saltitar em cima deles, feita doida. Mas nem isso os impediu de subir ao espaço e percorrer todo o universo, até às estrelas mais desconhecidas.

## 5.

Depois desse dia, há pouco que contar, que não seja normal.

Teresa aprendeu a controlar as sequelas sonoras dos seus orgasmos, em função do lugar. Quando num cinema, acariciada por Tomás, ele só se apercebia disso quando ela lhe retirava abruptamente a mão. E o mesmo acontecia quando iam a um restaurante mais reservado, em que ficavam frente a frente. O pé dele, com o sapato retirado, esfregando-a, fazia-a atingir um orgasmo silencioso em menos de um minuto. Já no carro, quando vinham para casa – porque passaram a entrar e a sair juntos – Tomás sabia que tinha de fechar os vidros, não fossem provocar acidentes indesejáveis. Em casa, de um ou de outro, colocavam a música alta, para desespero da Duquesa, quando presente, que se refugiava no final da casota de pano, com as patas sobre os ouvidos.

Claro que os episódios do carro só tinham lugar durante a semana. E Tomás começou a exigir que houvesse reciprocidade. Mas Teresa recuava terminantemente. Gostava de sentir o pénis dele na boca, mas achava que não conseguiria tolerar o sabor de esperma e muito menos engoli-lo. Por mais que ele argumentasse que continha inúmeros nutrientes e até fazia bem à pele, nada. Para espanto de Tomás, numa

vinda de um jantar a uma quinta-feira, Teresa, colocou a mão sobre o sexo dele e acariciou-o até o sentir pronto. Alargou o cinto de segurança e debruçou-se. Abriu-lhe a braguilha, retirou o pénis e chupou-o até à última gota. Passou a haver reciprocidade

– Afinal, tinhas razão. Até sabe bem...

Noutra ocasião, quando visitavam a serra de Montejunto, e já ao entardecer, Tomás colocou Teresa debruçada sobre uma rocha, tomando-a por detrás. Ambos gostavam de fazer amor também nesta posição, mas nunca tinham experimentado no exterior. O grito final de Teresa ribombou como um trovão que deve ter estremecido todas as casas do Cadaval, de Alenquer, de Rio Maior...

Estes finais de Teresa não incomodavam Tomás. Pelo contrário. O pénis ficava ainda mais firme dentro dela no momento do orgasmo e enquanto perdurava aquele grito, a ejaculação prolongava-se. Parecia-lhe que também podia experimentar orgasmos múltiplos. Ou, pelo menos, de uma duração infundável.

Outro momento de grande prazer era debaixo do chuveiro. Ensaboavam-se um ao outro devagar, percorrendo todo o corpo, e demorando nas partes mais íntimas. No final, variavam. Uma vez, Teresa inclinava-se e Tomás introduzia o pénis por detrás. Outras, acariciavam-se, com a água quente a correr sobre os corpos, e, acariciando-se um ao outro, tentavam atingir o orgasmo ao mesmo tempo.



## 6.

Teresa e Tomás resolveram viver juntos. Por juntos, entenda-se que fica incluída a Duquesa. Ah, e umas plantas, na maior parte cactos, que Teresa não podia abandonar. Claro, o destino final foi a casa de Tomás. Mas a proposta tinha partido dele, talvez um pouco cansado de viagens diárias entre Benfica e Odivelas. E ela aceitou, também pela mesma razão, mas, sobretudo, porque já não entendia a sua vida longe de Tomás. Por falar em cansaço, convém esclarecer que se algum deles estava cansado, não era de sexo, com certeza.

Se a vida a dois pode estabilizar o casal e, no pior dos sentidos, atenuar a falta de interesse um pelo outro, não era o que se verificava com Teresa e Tomás. Ela, não sendo ninfomaníaca, era bastante exigente. Tomás, nas alturas em que sabia não poder corresponder, usou do seu conhecimento teórico sobre sexo. Foram introduzidos os *didlos* e os vibradores, de diversos feitios e cores, e os filmes mais picantes. Se Teresa sentia vontade e Tomás não conseguia saciá-la, havia sempre uma forma de contornar a situação.

Teresa começou mesmo a pousar para ele, masturbando-se com os brinquedos, enquanto Tomás a filmava. Outras vezes, exibia-se ele, filmando ela. Noutros dias, a câmara ficava ligada num tripé e filmava os dois, nas mais diversas formas de sexo. Reviam esses filmes, comentavam e acabavam sempre por se atirar um ao outro excitados.

O *Kamasutra* fora todo cumprido e acrescentado. Dir-se-ia que, não podendo experimentar mais nada, teria morrido o interesse. Mas não é verdade. Quando fartos de condimentos, fechavam o ciclo e voltavam ao natural. Às coisas mais simples. Tinham sempre um modo de manter vivo ou de reactivar o desejo sexual. Ao cabo, se os estímulos exteriores são

importantes, o que é determinante é a relação em si. Ela comporta tudo. O amor, o entendimento, a compreensão, o respeito por cada um. E quando assim é, não havendo razões físicas, o desejo nasce ou renasce e concretiza-se sempre.

Adoravam a posição *sessenta e nove*. Quando ambos estavam prestes a atingir o orgasmo ou, noutras ocasiões, apenas para variar a relação sexual.

Ele gostava de percorrer a vulva beijando-a demoradamente, descendo até ao ânus, que acariciava com a ponta da língua. Subia, percorrendo com a língua o interior dos lábios menores, lambendo e chupando o clítoris. Metia a língua na vagina, sentido o calor do interior dela, deliciando-se com o seu sabor. Sentindo-a próximo do clímax, abria bem a boca, abrangendo os lábios menores e chupava tudo ao mesmo tempo, com a língua sempre remexendo no interior, até sentir escorrer-lhe pela garganta os fluidos do orgasmo dela.

Ela gostava de sentir o pénis na boca, chupando primeiro a cabeça e lambendo o freio, depois percorrendo-o com a língua, devagar, descendo até ao ânus. Regressava, demorando nos testículos, que chupava um a um. De seguida, abocanhava o pénis, tentando engoli-lo até à garganta. Antevendo o orgasmo, acelerava o movimento, chupando o pénis agora apenas até metade. Adorava o jacto de esperma que lhe enchia, repentinamente, a boca, engolindo-o com acrescido prazer.

Ambos ficavam alguns minutos após o orgasmo, nas posições finais. Tomás chupando ainda e intervalando com passagens da língua na vagina e no clítoris. Teresa, sem retirar o pénis da boca, ia-o tomando, à medida que ele decrescia, até sentir os testículos nos lábios. Só então se davam por satisfeitos. Um beijo, com as línguas entrelaçadas, punha termo ao sexo assim feito.

- Sabe bem, não sabe?

- Tu sabes melhor.

Esta posição, afinal, desdobra-se em três. O homem por cima e a mulher por baixo e vice-versa. A terceira é de lado. Além de cansar menos, o homem fica com uma das pernas da companheira sobre a cabeça. No final, o aperto das pernas dela - e o homem também pode fazer o mesmo -, dá um particular ênfase ao orgasmo de cada um. Esta era a posição predilecta de Teresa e Tomás.

Na cama, nalguns casos, o sexo desenrolava-se com ela deitada de bruços e com as pernas fechadas. O coito assim tinha um sabor especial, apesar de uma menor penetração. Tomás, ficava numa posição próxima das flexões, com as suas pernas rodeando as dela, podendo soerguer o corpo, vendo as costas, as nádegas e até o ânus. Imaginando que, caso ela gostasse, não seria tabu. Mas Teresa não gostava mesmo. E Tomás desistiu desse propósito.

Noutras ocasiões, usadas por vezes para retemperar o desejo, iam para a casa de banho com um grande espelho. Teresa inclinava-se sobre o lavatório, com a cabeça soerguida para se ver a si mesma e ele entrava por detrás. Ambos viam as expressões faciais que se iam transmutando ao longo do acto, ficando, no final, embaciadas, transcendendo-se. Ficavam a olhar a imagem de cada um durante e depois do orgasmo, prolongando o prazer. No final, quando Tomás retirava o pénis, a vagina deixava escorrer o esperma pelas pernas de Teresa e pelo chão de mosaicos e ambos se deliciavam vendo o sémen derramado.

Uma variante desta posição era fazer amor na mesma casa de banho, com recurso a um banco simples. Tomás sentava-se voltado para o espelho. Teresa, também voltada para o espelho, segurando-se com as

mãos ao lavatório, sentava-se sobre Tomás, manobrando a seu belo prazer. O esperma saía da vagina, escorrendo pelo pénis e encharcando as pernas de Tomás, até cair no mesmo chão de mosaicos. Era “muuuito bom”, como gostava de dizer Teresa.

## 7.

Provavelmente, quem resistiu até aqui poderá estar a pensar que amor, com sexo tão intenso, não existe. Puro engano. Pode não ser comum, mas é real. Na cabeça dos homens e das mulheres, o sexo tem sempre algum condicionamento, um tabu qualquer. Mas, experimentado assim, é também libertação.

Pode é haver caminhos e motivações diferentes. Na mais simples das expressões, o sexo é, pelo menos, uma terapia de relaxamento. Mesmo sem parceiro ou parceira. A masturbação descontraí, faz parar pensamentos indesejados, dá sentido à vida, porque faz parte dela. E o prazer que se obtém de um orgasmo por masturbação, não sendo tão intenso como o que se experimenta a dois, é tão digno como este. E é saudável.

Se pensarmos que as causas de estrangulamento do nosso desejo sexual, como os problemas do trabalho, de relacionamento e outros, seriam bem mais atenuados se, antes de nos deitarmos, perante um qualquer espelho, como o da casa de banho de Teresa e Tomás, inventando uma história, mesmo impossível, de uma relação imaginária, assente ou não em personagens reais, nos masturbássemos sem

qualquer preconceito, provavelmente teríamos um sono mais profundo e as nossas vidas seriam melhores.

Ao contrário de Teresa, antes de conhecer Tomás e pelo seu trauma de tentativa de violação, ele, antes de a ter, masturbava-se com frequência.

Uma das suas fantasias era imaginar que uma vizinha de quem gostara, tocasse a campainha da porta, a perguntar-lhe se podia digitalizar um documento. Afável, dir-lhe-ia que sim e levava-a até ao seu escritório, onde realizava a tarefa, com ela ali ao lado, sentada sobre a secretária. As feromonas iam contagiando ambos, provocando-lhes o desejo. Mais para o fim, sentia mesmo que a vagina dela estava húmida e era até capaz de sentir o perfume dos seus fluidos. Não se atrevia, mas estando ela de calças justas, tinha a certeza de que se olhasse, veria uma mancha que a denunciava.

Depois, as variantes. Levantava-lhe a saia e faziam amor sobre a secretária ou levava-a até à cama ou, ainda, à casa de banho. Em qualquer das situações, fechava os olhos, imaginava o corpo, as carícias, o sexo, sentido o pénis penetrar, o calor da vagina, os beijos. Invariavelmente, ejaculava no lavatório da casa de banho, só abrindo os olhos muitos segundos depois, gozando o prazer do coito com aquela mulher imaginada. Noutras vezes, antes de deitar, resolvia encher a banheira. E no calor da água sonhava o mesmo sonho, ejaculando sobre si mesmo.

Mas Teresa, se não fosse o seu trauma, poderia ter feito o mesmo. Poderia imaginar o homem que vira algures, na empresa, na rua, no supermercado, retendo a imagem. Sentada sobre o bidé ou sob o duche ou, mesmo na cama, acariciava-se, com os olhos fechados, e à medida

que era penetrada imaginariamente, os seus dedos iam entrando na vagina, cada vez mais rápidos e profundos, até atingir o orgasmo. Ou usaria um vibrador, que faria percorrer-lhe o corpo, insistindo nos seios, nos mamilos, até ficarem duros. Depois descia, excitava o clítoris e, à medida que o desejo fosse aumentando, fazia-o entrar, aos poucos, na vagina, até ficar saciada.

Imaginemos agora que Teresa e Tomás nem trabalhavam juntos, que não se tinham conhecido em empresa nenhuma. Podiam apenas ter estabelecido contacto pela Internet, num *chat* qualquer. Depois de algumas conversas, passavam ao *MSN* e, algum tempo depois, ligavam a *Webcam*. Conheciam-se agora pela imagem e sentiam-se atraídos, resolvendo fazer sexo virtual.

Começam por uma sessão de *striptease*, desnudando os corpos. Depois ela aproxima a câmara sobre os seios. Ele mostra, em *close*, o pénis. Ela deixa-lhe ver também o seu sexo. Começam a acariciar-se. O som está ligado, mas só a partir daí começam a falar. Desinibidos, usam até palavras vulgares que, no contexto, só têm o condão de lhes aumentar o desejo. Quando ele está quase a vir-se, coloca a câmara de modo a que ela possa ver e gozar a ejaculação. O esperma saindo de rompante, num jacto que declina e, depois, o sémen final, escorrendo pela cabeça do pénis. O músculo endurecido vai perdendo vigor, declinado, mas ainda a pingar... – Naquele momento, ela dissera-lhe que queira... tudo. Depois, mostrou-lhe os dedos húmidos que acabara de retirar da vagina.

Ou, numa variante, mais imaginativa, suponhamos que substituíam a *Webcam* pelo telefone. Aqui é imperiosa a capacidade de descrição. Desde como cada um está vestido até à apoteose final.

- Como estás vestida?
- Saia azul-marinho e blusa azul celeste com alças.
- Calças de ganga e uma camisa de mangas curtas.
- E estás excitado?
- Sim. Muito. Estou a acariciar-me.
- Eu também.
- (- Agora despi... e estou...)

.....

- Estás quase?
- Siiim...
- Eu também... Vamos vir juntos?
- Siiim... agora!

O resto dispensa comentários, é só imaginar, saber descrever. Talvez, mais que tudo, saber ouvir e conduzir os acontecimentos em consonância com o parceiro ou pareceria.

O sexo à distância pressupõe algum conhecimento do parceiro, assente numa confiança mútua. Neste aspecto, não difere muito do real. Mas exige mais intuição. Que se *leia* nas entrelinhas, que se aguçe o instinto. Por vezes, a passagem do virtual para o real causa grandes decepções. Essa transição só deve ser permitida quando o conhecimento mútuo assuma uma consistência que elimine todas as dúvidas.

O sexo é assim. Comedido, atrevido, mas sempre legítimo, seja por que forma ou meio for, desde que desejado e consentido por ambos. Esta é a única regra verdadeiramente importante. Não tem de haver amor, mas naqueles momentos, tem de se gostar do parceiro ou parceira e fazer o sexo com paixão. Já não é uma regra, mas a verdade é que a não ser assim deixa de ser sexo sinónimo de fazer amor. E sexo apenas pelo sexo é bestialidade, não nos distinguindo dos outros animais.

Sobretudo, o sexo é para exercitar, para fazer mesmo nos piores momentos. O sexo saudável regenera, dá forças. Transforma o pior, pelo menos, em neutro. E se é essencial concretizá-lo a dois ao natural, também, quando necessário, pode ser praticado à distância, pela Internet, pelo telefone. Mesmo mentalmente. A imaginação não tem limites. Ela é a maior aliada para encontrar os anticorpos, os antivírus das adversidades do quotidiano.

## 8.

Teresa e Tomás, como qualquer casal normal, não viviam só de sexo. Sobretudo aos fins-de-semana, cumpriam roteiros pré-definidos. Como haviam combinado no almoço que se seguiu à manhã do primeiro encontro. Jornais, Revistas, Internet e noticiários da Rádio ou da Televisão, eram os suportes frequentes para combinarem um destino curto e próximo de Lisboa ou de alguns dias de férias em paragens mais afastadas. Ou simplesmente para desfrutar de um novo filme ou evento de cultura na Capital.

Durante a semana, no regresso a casa, a Duquesa merecia atenções especiais. Depois seguia-se o jantar, com tarefas partilhadas. O arranjo do apartamento estava entregue a uma empregada doméstica.

O serão era passado, lado a lado, no sofá, a ver algum programa de Televisão com interesse, a combinar a próxima saída ou simplesmente a comentar algum assunto, de qualquer natureza, na ordem do dia.



A Duquesa, já desabituada de dormir na cama da dona, não dispensava o colo desta. Tomás acariciava os cabelos de Teresa ou abraçava-a, quando esta se aninhava no seu ombro, afagando então a gata, que ronronava mais alto. A Duquesa adoptara o novo dono. A este exigia, num miado inconfundível, que o escovasse demoradamente, pelo menos uma vez por dia. Tomás acedia, por vezes relutante, mas a gata não lhe deixava margem para recusas.

Quase sempre, enquanto preparavam o jantar, trocavam beijos ou encostavam os corpos, numa permanente cumplicidade de amor e ternura, com a paixão faiscando num ambiente ora sereno ora impetuoso. Numa ou outra ocasião, Tomás levantava-lhe o vestido, roçando-lhe o pénis nas nádegas. Ela, excitada, dobrava-se sobre a bancada. A penetração era breve. O coito consumado ficaria para mais tarde.

Pela rua, davam as mãos ou um abraço enamorado. Continuavam sem se preocupar com o que pudessem pensar, mesmo que, no meio de um Centro Comercial, parassem para um beijo demorado. E quando, já ao entrar em casa, sozinhos no elevador – talvez pelas memórias do passado – beijavam-se, apalpando-se, e simulavam fazer amor.

Teresa e Tomás eram felizes. Sem o idílio dos contos de fadas. Apenas como dois seres, com virtudes, defeitos e alguns desentendimentos pelo caminho. Mas tinham já percebido os amuos de cada um. Nessas alturas sabiam que o melhor era deixar passar alguns minutos, sem conversas, sem olhares reprovadores. Depois, um beijo enviado pelo ar ou aquele olhar misturado de desculpa, perdão e de “ainda te amo”, um toque de mãos, o roçar dos corpos, e as nuvens de mau augúrio dissipavam-se.

## 9.

Passaram alguns anos. Teresa e Tomás, que mantinham acesa a chama da paixão, resolveram ir de férias para a Tailândia. Durante a viagem de avião, apagadas as luzes da cabina, para descanso dos passageiros num percurso tão longo, Tomás meteu a mão debaixo do cobertor que cobria as pernas de Teresa. Ela própria subiu a saia, retirando as calcinhas. Encostou-se a Tomás, deixando-o acariciá-la, com os dedos indicador e anelar a escorregarem-lhe pelas virilhas, apertando os grandes lábios, enquanto o médio percorria o interior, esfregando o clítoris, em movimentos lentos e suaves, como Teresa gostava. Uns estremeções, com muitas réplicas, fizeram Tomás saber que ela tinha atingido o orgasmo.

Depois de dois dias em Bangkok, estavam *Laguna Beach. O Resort*, onde se alojavam, dava acesso a um conjunto de outros, nas imediações, através de um cartão próprio. Passaram a semana de férias dentro desse perímetro, experimentando as piscinas, jacuzzis, restaurantes e bares.

Num desses jacuzzis, a meio da tarde, Tomás, vendo que Teresa estava receptiva, acariciou-a com o pé. Sem ligar aos utentes que estavam no recinto - na piscina e no ginásio. Teresa fechou os olhos e embalou ao som do borbulhar da água. Quando estava a atingir o orgasmo, Tomás percebeu que ela não iria controlar-se e temeu que atraíssem todas as atenções. Mas, Teresa inclinou-se, meteu a cabeça debaixo da água e o borbulhar atingiu, de certeza, o seu volume máximo. Tomás gargalhava, quando ela levantou a cabeça, tossindo afita, como se tivesse escapado a um afogamento.

- Qual é a graça? Não posso gritar dentro da água, para não dar espectáculo?

- Podes, claro. – Respondeu Tomás, ainda a rir.
- Ai, o menino quer guerra? Então vais tê-la!

Respirou fundo, mergulhou a cabeça e, autenticamente, abocanhou o pénis de Tomás. Vinha com a cabeça à superfície, respirava fundo de novo e voltava a chupá-lo. Tomás rendeu-se. Olhava de soslaio para o recinto, mas ninguém parecia dar-se conta de nada ou não queria saber. Uns resquícios de esperma vieram à tona. Tomás entrou ainda mais na água, deixando apenas o nariz de fora. Fechara os olhos. Não porque agora quisesse intensificar as emoções ou recuperar daquele episódio insólito. Apenas para tentar descobrir porque Teresa era ainda capaz de o surpreender.

Na véspera do regresso, tentavam guardar os últimos raios do sol Tailandês. O astro rei decompunha-se a Oeste, num matizado de cores inebriantes, que nenhum pintor conseguiria reter. A luz apagava-se rapidamente, dando lugar ao lusco-fusco de uma lua meia cheia. Teresa e Tomás decidiram tomar o último banho de mar que, como quase sempre, estava chão, com pequenas ondas longas e calmas. A água quase morna. Foram andando sobre a areia, durante alguns minutos, até o mar lhes chegar pela cintura. A praia e o *Resort* ficaram ao longe.

Juntaram os corpos. Beijaram-se. Tomás colocou as mãos sob as pernas dela, trazendo-a à altura das suas ancas. Continuou a segurá-la com a mão esquerda, deslizando a direita para o seu fato de banho. Retirou o pénis, colocando a borda do calção sob os testículos, e, com as pontas dos dedos, afastou o biquíni de Teresa. Entrou nela, retornando a mão de manobra à sua coxa. Puxou-a para si, enterrando mais o pénis na vagina. Teresa, entretanto, tinha colocado os braços, com as mãos unidas, rodeando o pescoço de Tomás.

Quase nem era preciso fazer nada. O movimento do mar encarregava-se do vaivém. Mas, à medida que a excitação crescia, Tomás afastava ou puxava Teresa, num ritmo cada vez mais acelerado. Com o pénis a friccionar no biquíni, Tomás pensou que iria vir-se antes dela. Mas...

- Posso gritar?

- Acho que podes...

E Teresa gritou. Tanto, que um helicóptero, saído do nada, com os holofotes ligados, parecia corresponder a algum pedido de socorro. Felizmente não era o caso. Apenas algum militar de alta patente a ir para casa, depois do exercício conjunto com outros Países da Região que ocorrera a algumas milhas daquela baía. E o barulho do aparelho fora providencial. Voltaram ao *Resort*, rindo como duas crianças mal comportadas.

*Teresa e Tomás permaneceram sempre assim.  
Quando a idade reduziu as capacidades dele,  
por “proposta” dela, recorreu a ajuda médica.  
e a pílula azul produziu os seus efeitos.*